

# A compreensão é um dos níveis de leitura: experimentações e sensações - itinerários de literatura e clínica

Alexandre de Oliveira Henz<sup>1</sup>

Danilo Alves da Cruz<sup>2</sup>

Ana Beatriz Franceschini<sup>3</sup>

Aurélio Keiji Miyaura<sup>4</sup>

Fernanda Braz Tobias de Aguiar<sup>5</sup>

Gabryell Tavares de Barbosa<sup>6</sup>

Maurício Hideo Inamine<sup>7</sup>

Natasha Porto Scavone Joukhadar<sup>8</sup>

Rafaela Camargo Baldo<sup>9</sup>

Rui Teixeira Lima Junior<sup>10</sup>

Golem é uma palavra que aparece uma só vez na Bíblia, no salmo 139:16, e que quer dizer: sem forma, o informe. Golem (Scholen, 1994, p.57-59) é um ser feito de argila e, conta a cabala, que os judeus poloneses o fabricaram depois de certas orações e dias de jejum, na forma de um homem de barro. Sobre este homúnculo, pronunciaram o *sheruramphuras* miraculoso - o nome de Deus - e este ser adquiriu vida. Embora não pudesse falar, ele compreendia suficientemente o que lhe ordenavam e executava trabalhos domésticos. O Golem não deveria jamais sair da casa e, em sua frente, estava escrito: Emeth – (E.M.E.T.H) que em hebraico quer dizer: Verdade. Ele crescia rapidamente a ponto de se tornar maior do que todos os que viviam na casa, mesmo tendo sido fabricado bem pequeno. Então, eles apagavam a primeira letra do nome inscrito em sua testa, e ele se tornava Meth (M.E.T.H), que quer dizer: morto. De EMETH (verdade) para METH (morto). Então, ele caía e se transformava novamente em argila. Diz a lenda que, certa vez, um homem deixou crescer em demasia o seu golem. Ele ficou tão grande que já não era mais possível alcançar a sua frente. Então, o homem ordenou que o golem lhe tirasse as botas. Quando o golem curvou-se, ele pode enfim atingir-lhe a testa, mas tão logo retirou a primeira letra de emeth, todo aquele peso de argila caiu sobre ele e o soterrou.

As experimentações do projeto Literatura e Clínica lembram, às vezes, por sua precariedade, essa versão de um golem sempre inconcluso. A literatura e os encontros, na sua fragilidade e força, com suas verdades, num processo sempre de reconstrução a partir do informe, dos destroços anteriores, também precisam, para sustentar-se, de muita engenhosidade, acaso e, repetidas vezes, de uma boa dose de torcida desejante. Aquela que nós podemos oferecer a partir dos dispositivos de escuta, leitura, conversação, passando todos eles pelas modalidades mais diversificadas de encontro. Mas nada está dado de antemão, nenhuma verdade, e o que se dá em cada encontro jamais está garantido. Apagar muitas vezes o e de *emeth* pode ser pouco, e, frequentemente, dez vezes é ainda insuficiente para problematizar nossas verdades domésticas e domesticadas.

<sup>1</sup> Departamento Saúde, Clínica e Instituições, Curso de Psicologia, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Rua Iperóig, 864 -34. São Paulo, SP, Brasil. 05.016-000. alexamdrehenz@uol.com.br

<sup>2</sup> Discente bolsista do projeto de extensão Literatura e Clínica. Curso de Psicologia, Unifesp.

<sup>3,4,6-10</sup> Discentes, curso de Psicologia. Unifesp.

<sup>5</sup> Aprimoranda em Saúde Coletiva, Escola de Educação Permanente, Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo.

Com esses apontamentos iniciais, nos aproximamos um pouco da espessura das questões desse projeto de extensão, para apresentar algumas experimentações, na verdade uma série de vinhetas e notas um pouco ziguezagueantes. Ele teve início em outubro de 2006 e já passou por duas etapas. A primeira foi mais focalizada no público interno da Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista. Participavam das rodas de leitura e discussão, quase que exclusivamente professores, estudantes e técnicos. Os encontros tinham periodicidade quinzenal e consistiam na leitura coletiva e discussão de contos, poesias, fragmentos literários de autores como: D.H. Lawrence, Borges, Virginia Woolf, Kafka, Oscar Wilde, entre outros. Questões como: política, morte, vida, diferença, o inusitado e as "saúdes frágeis", que marcam certas literaturas, ofereceram possibilidades para distintas sensações e percepções na vizinhança do trabalho da clínica. Essa etapa do projeto Literatura e Clínica durou três anos e foi encerrada em meados de 2009.

O projeto agenciou encontros entre estudantes de vários cursos de graduação na área da saúde (Educação Física, Nutrição, Fisioterapia, Terapia Ocupacional e Psicologia), os diversos grupos populacionais de Santos, e contos, poesias, haicais e fragmentos literários. A finalidade foi instigar sensibilidades, sensações, encontros permitindo a constituição de novas faixas de escuta.

A partir de agosto de 2009, continuamos com os encontros abertos a frequentadores do campus, quando as atividades eram realizadas na Unifesp, e a novidade, no segundo semestre de 2009, foi a realização de encontros fora da universidade, em diversos estabelecimentos da cidade de Santos. Nesse momento o projeto ganhou um caráter itinerante, sempre com cinco a seis estudantes, um professor e o coletivo do local. Ocorreram dois encontros em cada estabelecimento, com duração de aproximadamente duas horas, onde obras ou trechos de obras literárias foram lidas, seguidos de conversações. A ideia não foi fazer crítica literária ou falar sobre a literatura, mas permitir-se a experimentação e o encontro com as obras e os usuários dos estabelecimentos públicos e equipamentos de saúde de Santos.

Os primeiros dois encontros ocorreram em uma instituição que atende pessoas com deficiência visual. Lá trabalhamos com dois grupos distintos e propusemos a leitura de um pequeno conto de Franz Kafka - aliás, nesse momento do projeto, propusemos várias experimentações com contos deste autor que nos pareciam captar certos movimentos subterrâneos do século passado e deste. O primeiro conto foi "Diante da lei" (Kafka, 1999a), que disponibilizamos tanto em braile, para aqueles com perda total de visão, quanto em tamanho ampliado, para os com visão subnormal; os dois formatos foram preparados pela própria instituição. Na roda de leitura, percebemos que todos ficaram à espreita de cada palavra; a impressão que tivemos era de que seus ouvidos pinçavam os sons e as palavras lidas.

Na conversa, várias perspectivas surgiram em torno do conto, e foi atribuído, ao personagem de Kafka, o homem do campo, diversos rótulos identitários: o inculto, o pobre, o brasileiro, o cego, todas as figuras clichês de um imaginário social apoiado na aspiração à lei e que por ela espera até o final. Várias situações do cotidiano dos cegos foram relatadas nesse momento.

Após cada encontro, várias questões eram discutidas na reunião de articulação do projeto de extensão; uma delas foi a de que não seria interessante romantizar ou idealizar a cegueira. A experimentação com alguns cegos havia sido potente, alguns deles, chegando à velhice, aprenderam, inclusive, a considerar a cegueira como uma saída das meras evidências para uma espécie de clareza maior e insubmissão. Um deles contou, por exemplo, que quando uma funcionária do banco não queria permitir que fechasse a conta, já que por ser cego teria de fazê-lo somente por telefone, ele não aceitou a argumentação burocrática e, indo adiante da lei, encerrou a conta. Os contrastes mais óbvios nos assaltavam o pensamento; ocorria que, muitas vezes, nós é que estamos ofuscados pelo visível, submissos às leis ou tomados de onipotência.

No segundo encontro, um dos cegos praticamente monopolizou a discussão com uma apologia a Deus e à esperança do homem diante da lei, o que nos pareceu uma espécie de reação ao conto, menos pelas suas convicções religiosas e mais pela dificuldade de coletivizar a experiência. A cegueira na velhice, assim como qualquer ponto de estrangulamento vital, não era uma garantia de tornar-se sábio, mas para alguns, em algumas situações, podia auxiliar na suspensão da visão ordinária e seus referenciais, criando a possibilidade de um vazio germinador.

Outros dois encontros ocorreram na praia de Santos, na biblioteca do Posto 6. A divulgação ocorreu através da agenda cultural da Secretaria Municipal de Cultura, o que atraiu um público formado por funcionários da biblioteca, professores, escritores e estudantes da Unifesp. Desta vez, utilizamos o conto “Chacais e Árabes” (Kafka, 1999b); e, após a leitura, a discussão se ramificou e espalhou para diversas questões - em ressonância ou não com o conto - e emergiram temas como a subordinação ao poder e a servidão voluntária. Os chacais são uma espécie de matilha intensa, que não para de entranhar-se no deserto seguindo linhas de fuga. Apresentam bem o problema da “limpeza” e, nisso, algo da ordem da política pareceu afetar as discussões do grupo - o politicamente correto, as novas leis e os microrregramentos do cotidiano foram alguns desses assuntos; elementos do plano sensível quase imperceptíveis. Em todos os encontros, nos interessava muito esse campo das sensações. Para os nossos hábitos naturalizados parece que pensar é, inevitavelmente, raciocinar e compreender. Nesse dia tivemos a experiência de que o pensamento e a afetação são encontros: de alguém com um chagal, um deserto, um som, uma política, uma cor e, eventualmente, uma conversa. Em vários momentos, nas rodas de leitura, o que preponderava eram as regiões de sensibilidade. Éramos afetados por alguma coisa, independentemente de uma compreensão racional na leitura do escrito de Kafka. A compreensão era somente um dos vários níveis de leitura (Deleuze, 2008). Por exemplo, para apreciar um quadro de Cézanne, Gauguin ou outro grande artista, não é preciso conhecê-lo profundamente. O conhecimento profundo de um conto de Kafka, assim como dos termos técnicos da pintura, pode ajudar, mas também há sensações intensas, fortes e violentas na ignorância total da pintura. É claro que alguém pode ficar abalado, afetado por um conto, fragmento literário ou um quadro, e não saber nada a seu respeito. Podemos ficar muito tocados por uma música ou com uma determinada obra musical sem saber uma palavra de música clássica. Isso, de certo modo, marcou o encontro do Posto 6, e, mais do que tudo, pôs em análise o dispositivo que tínhamos produzido, nos levando a essas questões e suas múltiplas possibilidades.

São em momentos como esses que podemos acompanhar pequenos exercícios de invenção, de paciência, de lentidão, de gratuidade, de angústia aceita, de dúvida, enfim, exercícios de literatura e clínica.

Esses foram os encontros iniciais, e alguns outros já ocorreram em situações diversas, com a presença destes mesmos participantes em configurações grupais diferentes. Atualmente, o trabalho ocorre transversalmente, em colaboração com o estágio de quarto ano do curso de psicologia, com outro projeto de extensão ligado a redes sociais, e um módulo de segundo ano de trabalho em saúde que envolve os seis cursos do campus. Sabemos que, a seu modo, este projeto é quase imperceptível, um fio tênue e potente em sua pequena circunscrição, que sinaliza efeitos e problematiza fôrmats e formatações, impacta a superexcitação acadêmica, a aceleração, e as coisas em sua suposta naturalidade.

Essas foram algumas notas, um percurso rápido por algumas experimentações que esses encontros puderam propor. Retomando a formulação inicial deste escrito, a figura do golem convém a este projeto na medida de sua instabilidade na instauração de verdades. Finalizaremos esse breve percurso de alguns itinerários de literatura e clínica com um fragmento do livro “Revolução eletrônica” de William Burroughs, cujas ressonâncias com o projeto Literatura e Clínica são as que tentam deixar em desuso verdades definitivas e cansativas dicotomias, usos imperativos de artigos definidos (o, a) e relações de exclusão (ou isso... ou aquilo). Diz o trecho:

O É da Identidade. Tu és animal. Tu és um corpo. Ora sejas tu o que fores não és um ‘animal’, não és um ‘corpo’, porque isso são rótulos verbais. O É da identidade compreende sempre a implicação disso e de mais nada e compreende também [...] uma condição permanente. Permanecer assim. Toda a apelação pressupõe o É da identidade. Este conceito é desnecessário numa língua hieroglífica, como o antigo egípcio, e é de fato frequentemente omitido. Não é preciso dizer que o sol É do céu. Sol no céu basta. Podemos facilmente omitir o verbo qualquer que seja a língua, o que fizeram os discípulos do conde Korzybski eliminando o verbo ser em inglês [...]. Os artigos definidos O A OS AS (the). “O” compreende a implicação de um só e único: O Deus, O universo, O caminho, O certo, O errado. Se existe um outro, então

ESSE universo, ESSE caminho não são mais O universo, O caminho. O artigo definido será eliminado e substituído pelo artigo indefinido UM UMA. Todo conceito de OU/OU. Certo ou errado, físico ou mental, verdadeiro ou falso, todo o conceito de OU será [...] substituído pela justaposição, por E. (Burroughs, s/d, p. 87-9)

### Colaboradores

Todos os autores participaram, igualmente, de todas as etapas de elaboração do artigo.

### Referências

BURROUGHS, W. **A revolução eletrônica**. Trad. Maria Leonor Telles e José Augusto Mourão. Lisboa: Vega, s/d.

DELEUZE, G. N de Neurologia. In: DELEUZE, G. **L'Abecedaire de Gilles Deleuze**. Entrevista concedida à Claire PARNET, realizada em 1988 e transmitida em série televisiva a partir de novembro de 1995, pela TV-ARTE, Paris. 2008. Disponível em <http://www.oestrageiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-de-gilles-deleuze>. Acesso em: 19 out. 2011.

KAFKA, F. Chacais e árabes. In: KAFKA, F. **Um médico rural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999a. p.30-5.

\_\_\_\_\_. Diante da lei. In: KAFKA, F. **Um médico rural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999b. p.27-9.

SCHOLEN, G. **O. Golem, Benjamin, Buber e outros justos: judaica I**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

Recebido em 17/01/2011. Aprovado em 09/10/2011.